

Ubiratane de Moraes Rodrigues
Universidade Federal do Maranhão

A dança como metáfora utópica do corpo

A comunicação tem como objetivo apresentar a dança como metáfora utópica do corpo. Para sustentarmos a hipótese interpretativa de que a dança não é só uma metáfora do pensamento, como sugere Alain Badiou em seu Pequeno manual de inestética, mas uma forma do tempo (Paul Valéry, 1936) que comporta a utopia do corpo como espaço-tempo serão analisadas A dança de Henri Matisse, algumas pinturas de Hector Julio Páride Bernabó (Carybé) e de Maria Auxiliadora. A dança não é somente a manifestação mais antiga ligada ao corpo que nos faz partir para outro lugar, como também, segundo Ernst Bloch, retira-nos da cotidianidade e nos coloca em contato com o ainda-não existente. Ora, justamente por ser saída do habitual, seja na forma de transe para o reencontro com o arcaico, seja na forma de transgressão dos limites materiais e socioculturais, a dança como linguagem é uma metáfora utópica, não somente enquanto dilatação do corpo em movimento, mas também como expressão de abertura do espaço para o pensamento da utopia. A metáfora, nesse sentido, não é ilusão, mas concretude da pluralidade de manifestações através das quais o corpo e a dança anunciam o novo enquanto possível-real. Propõe-se assim, uma filosofia da dança como metáfora da transgressão do meramente dado, que enquanto metáfora utópica do corpo é proporcionada tanto pelas possibilidades da técnica quanto pela potência do espírito humano na arte.
